

A VARIAÇÃO NO USO DO MODO SUBJUNTIVO EM UMA COMUNIDADE DE FALA AFRO-BRASILEIRA

Sônia Moreira Coutinho dos Santos*

1. INTRODUÇÃO

Estudos sobre o processo de variação lingüística no Brasil demonstram que o português brasileiro (PB) vem apresentando traços que podem caracterizar mudança em curso, reforçando a hipótese de seu distanciamento do português europeu (PE). Dentre os aspectos que se apresentam neste quadro de variação encontra-se a morfologia verbal.

Neste trabalho, faremos uma apreciação da variação do uso das formas do subjuntivo em uma comunidade rural afro-brasileira - a comunidade de Helvécia situada no extremo sul do Estado da Bahia. Com base nos pressupostos da Teoria da Variação laboviana, buscaremos apresentar evidências que sirvam para esclarecer se os processos de variação na morfologia verbal do português do Brasil (PB) se devem a uma evolução estrutural interna à língua, ou são derivados do contato entre línguas.

2. A CATEGORIA DE MODO

Geralmente, o modo verbal é compreendido como a relação que se estabelece entre o falante e seu enunciado. Em Cunha e Cintra (1985, p: 463) encontramos a seguinte definição: “Entende-se por modo, a propriedade que tem o verbo de indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia.”

Assim, no modo indicativo o falante considera o fato expresso pelo verbo como *certo, real*, enquanto que no modo subjuntivo o falante encara o fato expresso pelo verbo como uma coisa *incerta, duvidosa, eventual*, ou mesmo, *irreal*.

Definição semelhante é apresentada por Câmara Jr. (1985, p: 98): “modo verbal se refere a um julgamento implícito do falante a respeito da natureza, subjetiva ou não, da comunicação que faz.”

Ainda, segundo este autor, o modo subjuntivo apresenta algumas “assinalizações” que lhes são características, ou seja, “a posição subjetiva do falante em relação ao processo verbal comunicado”, e a “dependência sintática de uma forma verbal da oração principal, ou de um advérbio modal preposto” (*talvez, certamente, provavelmente...*). Já o modo indicativo não apresenta tais características, embora a sua existência não seja de todo negada, como se pode observar nos exemplos apresentados pelo próprio autor: *Suponho que é verdade; Suponho que seja verdade*.

Na visão de Dubois *et al.* (1997, p: 415) a categoria de modo traduz não só a atitude do falante em relação ao seu próprio enunciado, como também o “tipo de comunicação estabelecida entre ele e seu interlocutor”. Neste caso, o “modo ou modalidade”, diz respeito ao estatuto da frase (a asserção, a interrogação, a ordem ou o desejo), que definiria os usos

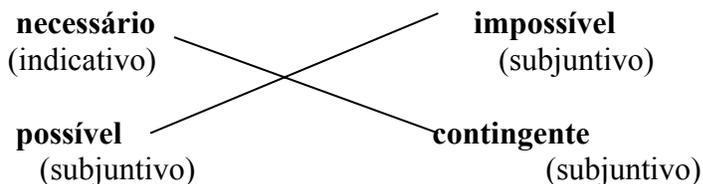
* Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

dos modos pessoais (subjuntivo, indicativo e imperativo). O modo da asserção e da interrogação indireta seria o indicativo e o modo da ordem e do desejo seria o imperativo ou o subjuntivo. Como nos exemplos: “*Digo que Paulo veio; Pergunto se Paulo vem*”; “*Ordeno que Paulo venha*”; “*Desejo que Paulo venha*”.

Em relação à atitude do falante, o “modo ou modalização”, se exprime pela oposição entre enunciado “assumido” e “não-assumido”. O indicativo seria o modo do “assumido” e do “não-assumido” (futuro do pretérito) nas frases diretas; o subjuntivo seria o modo do enunciado “não-assumido” nas frases indiretas. A exemplo: *Pedro virá; Pedro viria porque Paulo veio; Pedro viria ainda que Paulo viesse*. (cf. DUBOIS, 1997, p. 416)

A modalização também pode ser indicada por outros recursos lingüísticos, como: alguns advérbios (*talvez, provavelmente*, etc), expressões intercaladas (*ao que se diz*) e mudanças de registro (as *aspas na escrita*).

Outra abordagem na qual modo e modalidade estão relacionados é a proposta por Mateus *et al.*, (1989/1992, p.106). Assim, o modo verbal serve para exprimir “a relação modal entre locutor e estado de coisas” – universo de referência. Numa correlação entre modo e modalidade lógica alética ou aristotélica (que funcionam ao nível dos estados de coisas e expressam a atitude do falante quanto ao valor de verdade de seus enunciados), o modo indicativo aparece ligado a um estado de coisa reconhecido pelo falante como **necessário** e o modo subjuntivo aparece ligado a um estado de coisas reconhecido pelo falante como **possível** ou como **contingente**. Correlacionando estas modalidades com a categoria morfológica verbal teremos o seguinte quadro: ¹



De acordo com as concepções apresentadas os autores elencam um conjunto de contextos típicos para o uso do modo subjuntivo. É o que passaremos a abordar no próximo item.

2.1 CONTEXTOS DE USO DO MODO SUBJUNTIVO

Apesar das diferentes perspectivas de análise, é consensual entre os autores pesquisados que o uso do modo subjuntivo é condicionado por determinados fatores contextuais, sejam eles, sintático-semânticos ou pragmático-discursivos.

Para tradição gramatical, o uso do modo subjuntivo é condicionado por fatores sintático-semânticos, privilegiando as propriedades estruturais e do significado do verbo da oração na qual o verbo é inserido.

A esse propósito, Bechara (1999), Cunha e Cintra (1985) assinalam que, o modo subjuntivo denota que uma ação, ainda não realizada, é dependente de outra. Daí o seu emprego na oração subordinada. Em orações independentes o uso do subjuntivo se restringe às orações optativas, imperativas afirmativas e negativas e dubitativas com o advérbio *talvez*. É o que Bechara denomina de “subjuntivo independente”.

¹ Conforme Mateus et al (1983) p.144.

Não muito distante dos contextos prescritos pelas gramáticas normativas, Câmara Jr. (1985, p.133) sinaliza que, as formas subjuntivas são quase exclusivas das orações subordinadas, e que, mesmo quando o seu emprego é obrigatório, os valores de *dúvida*, *desejo* ou *hipótese* vem essencialmente demarcado na própria oração subordinada, marcada por um conectivo específico, isto é, “*tudo depende do tipo de oração*”.

Desse modo, ainda segundo o autor, o uso das formas subjuntivas em português vem a ser uma pura servidão gramatical, já que, certos valores semântico-pragmáticos tradicionalmente associados ao subjuntivo seriam transferidos para outras categorias lingüísticas.

As gramáticas normativas estabelecem os seguintes contextos de uso do modo subjuntivo:²

- a) nas orações subordinadas substantivas, quando a oração principal exprime: a vontade (nos matizes que vão do comando ao desejo) com referência ao fato que se fala; um sentimento, ou uma apreciação que se emite com referência ao fato em causa; a dúvida, suspeita ou desconfiança que se tem quanto à realidade do fato enunciado.(utilizam-se os verbos duvidar, suspeitar, desconfiar e nomes cognatos: dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc).

Neste último caso, adverte Bechara que (1999, p.281): “se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo.”

- b) nas orações subordinadas adjetivas que exprimem: um fim que se pretende alcançar, uma conseqüência; um fato improvável, uma hipótese, uma conjectura, uma simulação; depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a idéia expressa por esse predicado ou interrogação.

- c) nas orações subordinadas adverbiais:³ causais, que negam a idéia da causa (não porque, não que); concessivas (embora que, ainda que, posto que, mesmo que, se bem que, por muito que, por pouco que, etc); finais (para que, a fim de que, porque); temporais, que marcam a anterioridade (antes que, até que, etc); comparativas iniciadas pela hipotética *como se*; condicionais, em que a condição é irrealizável ou hipotética; (se, contanto que, sem que, a não ser que, suposto que, caso, dado que); consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real.

Numa outra perspectiva, o uso do subjuntivo está condicionado ao contexto pragmático-discursivo cuja definição se dá a partir da relação entre o falante e o contexto referencial de seu enunciado.

Partindo desse pressuposto, Mateus et al (1983), por exemplo, observa que o uso do subjuntivo basicamente se daria nos seguintes contextos:

- a) estruturas complexas de coordenação e subordinação como expressão de vários graus de **condicionalidade**.
- b) em orações subordinadas em que o predicador da oração subordinante é: avaliativo (*Basta que **venhas** cedo*); volitivo-optativo (*desejo que **venhas***); uma modalidade lexicalizada (*É necessário que **venhas***); de actividade mental – cuja modalidade é **possível** ou **contingente**, (*Eu acredito que ele **venha*** –possível) por oposição a (*Eu acredito que ele*

² Os contextos sintáticos foram retirados de Bechara (2000), Cunha e Cintra (1985) e Sacconi (1994).

³ Para Cunha e Cintra (1985), o uso do subjuntivo nas orações subordinadas adverbiais constitui-se em um mero instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções.

vem- necessário); um predicado de uma construção **causativa** (*Isto tudo faz com que ele venha*).

c) nas orações subordinadas a orações subordinantes que contêm uma negativa explícita ou lexicalizada. (*Eu não tenho a certeza de que **sejas** bom da cabeça. Duvido que **sejas** bom da cabeça*).

O subjuntivo também estaria relacionado a uma pressuposição não factual, em contrapartida, o modo indicativo estaria relacionado a pressuposições factuais.

3. A VARIAÇÃO NA CATEGORIA DE MODO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Apesar de ser um tema pouco estudado, a variação no modo subjuntivo tem despertado o interesse de alguns estudiosos, principalmente no campo da sociolinguística, que vêm se debruçando sobre o processo de variação que se observa no português popular brasileiro. A seguir, apresentaremos sucintamente, algumas dessas pesquisas.

Pimpão (2002), com base em dados do Projeto VARSUL, verificou que o índice de aparecimento das formas *do presente do indicativo em contextos do presente do subjuntivo*, é relativamente alto (41%). E que as motivações para o uso do modo subjuntivo são *de natureza mais temporal do que modal, traduzido pelo traço de futuridade*. Em consequência dessa estratégia, o uso do subjuntivo estaria deixando de vincular-se ao fator atitudinal característico desse modo.

Por sua vez, Bezerra (1993) analisando a variação da formas em – **ria**, com dados do Projeto NURC-SP, também encontrou ocorrências, nas quais a forma do *futuro do pretérito do indicativo* substituiu *as formas do imperfeito do subjuntivo*, em orações independentes com o advérbio “talvez” preposto ao verbo, como observado no exemplo: “*Aí talvez eu **colocaria** um quadro com elementos infantis*”.

Em pesquisa sobre um dialeto rural, em uma comunidade de fala de descendentes italianos, Iara Costa (1990) constatou variação entre as formas: *presente do subjuntivo x presente do indicativo; futuro do subjuntivo x presente do indicativo e imperfeito do subjuntivo x imperfeito do indicativo*. Esta variação, segundo a autora, “se explica não só pela afinidade semântica entre os tempos que estão em variação, mas também pela estabilidade das formas do presente e do perfeito do indicativo no sistema flexional do verbo no português falado”.

Esses fatos nos fazem levantar alguns questionamentos: Será que o português popular falado estaria caminhando gradativamente em direção da eliminação do próprio modo subjuntivo? Que processos históricos estão concorrendo para a formação desse quadro de variação/mudança?

Estas questões nos remetem para uma problemática mais ampla que é o próprio processo de variação que se tem verificado no português do Brasil, sobretudo em sua variedade popular, em que formas do indicativo têm sido usadas em contextos do subjuntivo, apontando para uma simplificação no sistema flexional do verbo, tanto no que se refere às categorias gramaticais de número e pessoa, quanto em relação às categorias gramaticais de tempo e de modo.

Concepções distintas têm buscado explicar tal problemática. De um lado há estudiosos, dentre os quais Anthony Naro e Martha Scherre, que defendem que esta situação é resultante da existência de um processo de deriva natural da língua. Segundo

essa visão, “*o impulso do desenvolvimento do português do Brasil veio já embutido na deriva secular da língua de Portugal*”. (NARO, SHERRE 1993, p. 451).

Divergindo dessa concepção, encontram-se os estudiosos, a exemplo de Alan Baxter e Dante Lucchesi, que defendem a hipótese de que este processo de variação e mudança é o resultado de um forte e massivo contato lingüístico de povos (sobretudo os africanos) que, durante o período de colonização do país, influenciaram na constituição sócio-histórica do português brasileiro.

Segundo Baxter e Lucchesi (1997, p.75):

Com efeito, existe no português do Brasil, e principalmente nos dialetos rurais, uma extensa gama de propensões estruturais que, aos olhos do lingüista especializado no estudo das mudanças causadas pelo contato entre línguas, apontariam para um processo de transmissão lingüística irregular.

Dentre as propensões morfossintáticas típicas de situação de contato, apontadas pelos referidos autores, encontra-se a redução da morfologia flexional do verbo, a exemplo “*da presença variável, e bastante reduzida, do subjuntivo*” (idem, p.76).

4. SUPORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

4.1. A Sociolingüística e a Teoria da Variação

Este trabalho se apóia na Teoria da Variação Lingüística Laboviana, que postula a idéia de que a variação é inerente ao sistema lingüístico e que a noção de heterogeneidade não é incompatível com a noção de sistema.

A língua é vista como um fato social, concreto e como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço.

Assume-se a postura de que a variação não é aleatória, mas condicionada por fatores lingüísticos e não lingüísticos cujos princípios podem ser sistematizados. É o que Camacho (2000) e Tarallo (1985), denominam de “caos sistematizado”.

Sendo assim, uma pesquisa sociolingüística variacionista deve buscar descrever de forma detalhada a variável dependente, compreendida como fenômeno lingüístico que se realiza apoiado em formas variantes. Utilizam-se, para este detalhamento, as variáveis independentes ou explanatórias, que se referem aos fatores lingüísticos e extralingüísticos que condicionam a realização das variantes do fenômeno analisado.

4.2. Metodologia

Os dados que constituem o *corpus* desta pesquisa foram selecionados de 12 inquéritos lingüísticos, extraídos do banco de dados do Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia, coordenado pelo professor Dante Lucchesi, da Universidade Federal da Bahia.

Os informantes pertencem a uma comunidade de fala de descendentes afro-brasileiros, localizada no município de Helvécia região do extremo sul do Estado da Bahia.

Por sua constituição histórica e social, esta comunidade apresenta em sua gramática de fala traços característicos de um processo prévio de criouliização (cf. FERREIRA, 1994).

Para a análise da variável dependente (uso do subjuntivo x uso do indicativo) foram considerados os seguintes grupos de fatores: (i) fatores lingüísticos: tempo verbal, concordância verbal de número e pessoa, pessoa do discurso, contexto sintático e posição do advérbio; (ii) fatores sociais: sexo, estada fora da comunidade, faixa etária (I-20 a 40 anos, II- 41 a 60 anos e III- mais de 60 anos) e nível de escolaridade (não alfabetizado e semi-alfabetizado)

Tomando-se por base os contextos estabelecidos pela gramática normativa como próprios para o uso do modo subjuntivo, foram levantadas 346 ocorrências, que foram submetidas a tratamento estatístico.

Para o tratamento quantitativo dos dados analisados, foram utilizados os programas da série Varbrul, que forneceram pesos relativos associados aos diversos fatores dos grupos de fatores considerados, bem como a seleção destes grupos em função de sua relevância estatística para a variação do fenômeno analisado.

5. A VARIAÇÃO NO USO DAS FORMAS DO SUBJUNTIVO NA COMUNIDADE DE FALA DE HELVÉCIA

A análise dos dados revela que a variação entre as formas do subjuntivo e as formas do indicativo, no dialeto de Helvécia, apresenta-se da seguinte forma: (i) *presente do subjuntivo x presente do indicativo*; (ii) *imperfeito do subjuntivo x imperfeito do indicativo*; (iii) *futuro do subjuntivo x presente do indicativo*. As ocorrências extraídas do *corpus* servem de ilustração:

(i) *Eu quero um lugar que **tem** médico perto, **tem** onibu toda hora.*

*Só que Ângela gosta assim, quando tá quase no ponto, ela gosta que **põe** côco ralado. Ela gosta com côco.*

*É quem sabe, né? Eu espero que ele **chegue** e **assuma** os filhos.*

(ii) *Então, praticamente, o cavalo ele era duro, se 'cê **puxava** ele, ele num freava tá tendeno?*

*Porque, se eu **caia** de lá sentada, ou de cabeça, hoje eu era finada. Mas tem quanto tempo?*

*É, sei todo lugá bonito, mas o lugar que eu gostei, que eu falei se eu **pudesse** eu ia mora, era em Campos.*

(iii)... *senhô 'marra uma corda, assim, bota assim,...Aí, só chicote nele. Aí, ele vai rodano, até fica tonto, aí com poço ele ta suado. Quando ele **tá** todo suado, ele já tá cansado..*

*Eu acho que num tem essa não, se você **tiver** dinheiro ali na hora, ele te apóia, eles atende, é rapidinho...*

5.1 AS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

As variáveis tempo verbal e concordância de número e pessoa foram selecionadas pelo programa Varbrul como mais significativas. Os resultados são apresentados nas tabelas 1 e 2.

5.1.1 Variável tempo verbal

TABELA 1: Uso da morfologia do subjuntivo segundo a variável tempo verbal (nível de significância: .020)

Tempo do Verbo	Nº de oco./TOTAL	Frequência	Peso Relativo
Futuro	184/231	80%	.66
Imperfeito	29/77	38%	.22
Presente	13/38	34%	.20
TOTAL	226/346	65%	.52

Os dados da tabela acima indicam que as formas do subjuntivo são mais utilizadas no tempo futuro, com frequência de 80% e peso relativo .66. Este fato pode ser explicado pela própria noção de futuro estar relacionada a traços de dúvida e incerteza denotando uma avaliação do falante sobre a possibilidade/impossibilidade do fato que enuncia. Ao lado disso, as formas do futuro são basicamente representadas por uma forma correspondente ao infinitivo (*se fica (r) assim deixano..., se encontra(r)...*).

Em relação aos tempos presente e imperfeito do subjuntivo observamos que houve uma maior variação com as formas do indicativo. Embora o uso do imperfeito tenha apresentado uma frequência de 38% e peso relativo .22, e o uso apareça com frequência de 34% e peso relativo .20. Isso talvez se deva ao fato da baixa alternância vocálica entre as desinências de tempo das formas do presente do subjuntivo e indicativo -o presente do subjuntivo é morficamente mais fraco (*posso/possa, tem/tenha, pega/pegue*). E o imperfeito pelo fato de apresentar uma morfologia mais complexa (-sse/c) exige que seja mais marcada na forma verbal.

Essa maior variação entre as formas do presente do subjuntivo e presente do indicativo também foi verificada por Pimpão (2000), apresentando índice de 41% de aparecimento da forma do indicativo em contextos de subjuntivo.

Também em estudo sobre o crioulo de Cabo Verde, Almada (1961) constatou que os tempos presente e futuro do subjuntivo estão representados pelo infinitivo e o imperfeito, na maioria dos casos, é representado pelo imperfeito do indicativo. Apresentando, portanto, uma realidade bem semelhante com a verificada na comunidade de Helvécia.

5.1.2 Variável concordância verbal de número e pessoa

Os resultados da tabela abaixo indicam que das 7 ocorrências que apresentam concordância de número e pessoa, 5 estão no modo subjuntivo, representando uma frequência de 71% e peso relativo de .85. Das 22 formas em que a regra de concordância não foi aplicada apenas 7 estão no modo subjuntivo, com frequência 32% e peso relativo de .36, ou seja, há uma maior probabilidade de que a utilização das marcas de número e pessoa sejam mais observada em contextos de uso do subjuntivo. Em contrapartida, a presença das formas do indicativo não favorece a aplicação das marcas de concordância.

Essa situação pode ser explicada pelo que Lucchesi (2000, p.140) denominou de *princípio de coesão estrutural*, cuja formulação se baseia “na propensão de co-ocorrência de estruturas de uma mesma gramática numa determinada porção da sentença, nas situações de alternância de código”. Como inicialmente, houve perda de flexão verbal de número e pessoa, devido ao processo e transmissão lingüística irregular, ocorrendo posteriormente, uma reincorporação de parte dessa regra, os falantes de Helvécia convivem com estruturas provenientes de sistemas gramaticais distintos. Um que apresenta um sistema flexional mais rico, mais próximo da norma padrão e outro com um sistema flexional mais pobre, ou mais criouliizante.

Ao que tudo indica, a aplicação da regra de concordância de número e pessoa nas formas do subjuntivo ocorre quando o falante produz sentenças nos modelos estruturais desse sistema que possui uma gramática com morfologia verbal mais rica, na qual por uma questão de coesão interna, os elementos flexionais do verbo são respeitados. A exemplo da sentença: *Talvez eles trabalhem*.

TABELA 2: Uso da morfologia do subjuntivo segundo a variável concordância verbal de número e pessoa (nível de significância: .020)

Aplicação da regra de concordância	n° de oco./TOTAL	Frequência	Peso Relativo
SIM	5/7	71%	.85
NÃO	7/22	32%	.36
TOTAL	12/29	41%	.52

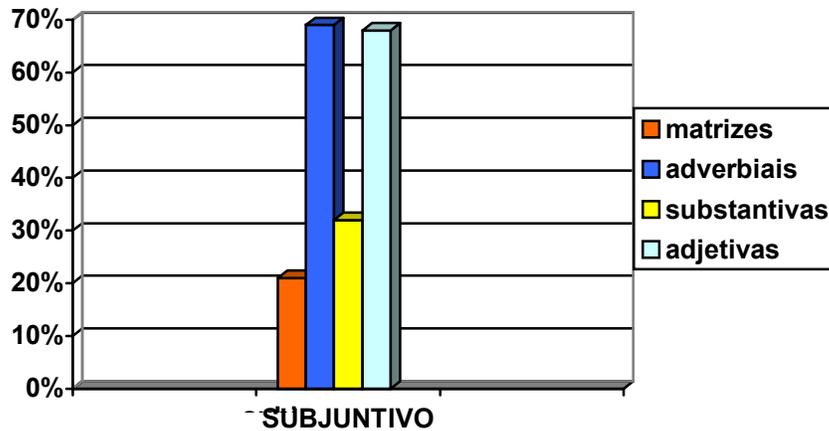
Os grupos de fatores contexto sintático e posição do advérbio não foram selecionados estatisticamente, embora os números revelem que estes são importantes para o uso das formas do subjuntivo ou do indicativo.

5.1.3 Variável Contexto Sintático

Em relação ao contexto sintático, os dados apontam para um maior uso das formas do subjuntivo nas orações adverbiais, com frequência de 69%. Esse dado pode ser

explicado pelo fato de, nestas orações, a presença das formas do subjuntivo ser regulada por certas conjunções, e não, pelo valor semântico do verbo, corroborando com o princípio formulado por Naro e Scherre (1993) de “*marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros*”. Isso significa que, nas orações adverbiais, mesmo se constituindo num simples mecanismo formal, a presença da conjunção subordinante favorece o uso do subjuntivo. Os resultados são apresentados no gráfico abaixo:

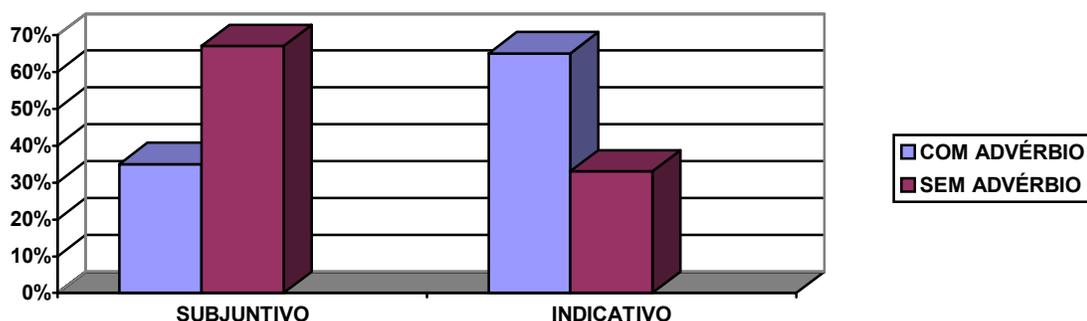
Gráfico sobre a atuação da variável contexto sintático.



5.1.4 Variável Posição do Advérbio

A forma adverbial (*talvez*) anteposta ao verbo é apontada, por alguns autores, como um elemento favorecedor do emprego das formas do subjuntivo. No entanto, os resultados obtidos indicam o contrário. Num total de 17 ocorrências com a presença do advérbio, apenas 06 aparecem com formas do subjuntivo, com frequência de 35%, favorecendo, conseqüentemente, a presença das formas do indicativo. Neste caso, funcionou o *princípio da economia lingüística*, já que os valores de dúvida e de incerteza seriam expressos pelo próprio advérbio modal, dispensando o uso das formas do subjuntivo. A exemplo: *É... essa mão suja de veneno, talvez pega alguma coisa e come; Ah, vai uns...tempo assim, talvez chega inté ano... aquele mesmo que a gente tinha chegava inté ano.*

Gráfico da atuação da variável posição do advérbio.



5.2 AS VARIÁVEIS SOCIAIS

Dentre as variáveis sociais, o programa Varbrul selecionou como significativas as variáveis estada fora da comunidade e nível de escolaridade. Mesmo não sendo selecionadas, faremos alguns comentários a respeito dos resultados das variáveis idade e sexo.

5.2.1 Variável Estada fora da Comunidade

Estudos diversos têm demonstrado que, quanto maior o nível de isolamento dos indivíduos de uma comunidade de fala, maior será a tendência de conservadorismo lingüístico. Assim, quanto mais contato externo a comunidade de fala mantiver, maiores serão as possibilidades de variação/diversificação na gramática de fala de seus integrantes.

Desse modo, é natural que os padrões lingüísticos mais diferenciadores estejam presentes na fala das pessoas da comunidade que viajaram e permaneceram por algum tempo fora da comunidade.

Este fato é confirmado nos dados do dialeto de Helvécia, cujos informantes que se ausentaram por algum tempo da comunidade, apresentam uma maior tendência ao uso das formas do subjuntivo, com frequência de 71% e peso relativo .59, conforme é demonstrado na tabela 3. Assim sendo, a influência do uso da forma padrão (emprego do subjuntivo) vem de fora.

A emigração dos moradores para grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Vitória do Espírito Santo, principalmente a procura de trabalho, bem como o próprio desenvolvimento econômico implantado na região, ocasionaram um contato com padrões lingüísticos de dialetos urbanos semi-cultos, que, de certa forma, foram incorporados pelos falantes de Helvécia, modificando os padrões dessa comunidade de fala, constituindo-se num processo de mudança de *fora para dentro*, através da incorporação de padrões lingüísticos externos à comunidade.

TABELA 3: Uso da morfologia do subjuntivo segundo a variável estada fora da comunidade (nível de significância:.020)

Estada fora da comunidade	n° de oco./TOTAL	Frequência	Peso Relativo
SIM	94/132	71%	.59
NÃO	132/214	62%	.44
TOTAL	226/346	65%	.52

5.2.2 Variável nível de escolaridade

O nível de escolaridade tem se revelado um poderoso condicionante na escolha de determinadas variantes lingüísticas. De modo geral, tem-se constatado que falantes com maior grau de escolarização utilizam com mais freqüência as formas da norma padrão, o que, de certa forma, ratifica o papel normatizador desempenhado pela escola.

Como na maioria das comunidades rurais brasileiras, em Helvécia quase não existem pessoas plenamente alfabetizadas, sobretudo as mais idosas. Por conta disso, os informantes foram divididos entre aqueles que tiveram um mínimo de contato com o mundo escolarizado (semi-analfabetos), e aqueles que não freqüentaram a escola (analfabetos).

Os resultados dessa variável confirmaram que as formas do subjuntivo são mais empregadas pelos informantes semi-alfabetizados, com freqüência de 69% e peso relativo .56, do que pelos informantes analfabetos que apresentou freqüência de 61% e peso relativo .43. Isso nos leva a concluir que a gramática dos falantes semi-alfabetizados foi, de algum modo, afetada pela norma lingüística difundida pela escola. (veja tabela 4)

TABELA 4: Uso da morfologia do subjuntivo segundo a variável nível de escolaridade (nível de significância:.051)

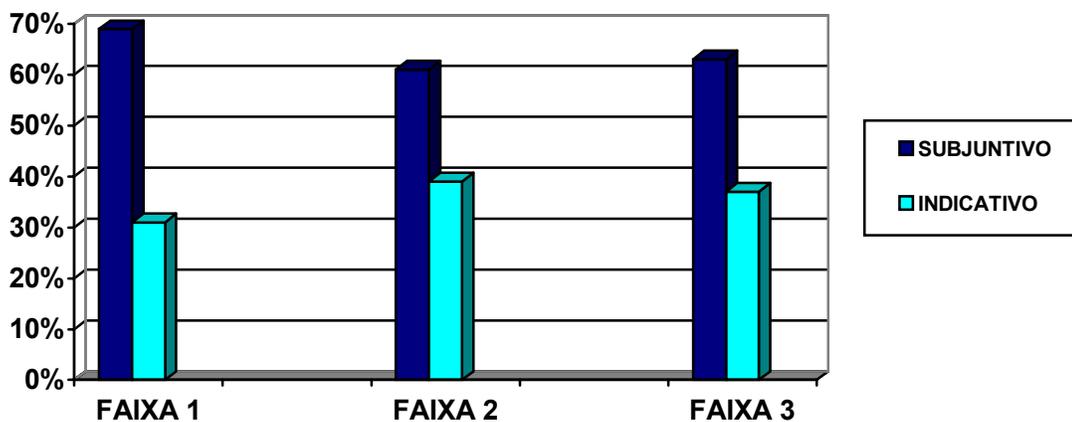
Nível de escolaridade	n° de oco./TOTAL	Frequência	Peso Relativo
Analfabeto	95/157	61%	.43
Semi-analfabeto	131/189	69%	.56
TOTAL	226/346	65%	.52

5.2.3 Variável faixa etária

O estudo em tempo aparente, isto é, a observação do comportamento lingüístico de pessoas de gerações diferentes, nos permite verificar se determinado fenômeno, apresenta-se como variação estável ou mudança lingüística.

Os resultados obtidos, em relação à idade, apontam para uma pequena flutuação entre as três faixas etárias, demonstrando que o processo de mudança não se encontra bem definido, no dialeto pesquisado. Mesmo assim, observamos que o uso das formas do subjuntivo apresenta um percentual maior na fala dos mais jovens (faixa I), com frequência de 69% . Essa situação vai ao encontro da hipótese de que a aquisição da morfologia flexional indefinida em Helvécia pode estar relacionada com a mudança de perda do subjuntivo que se verifica no português urbano.

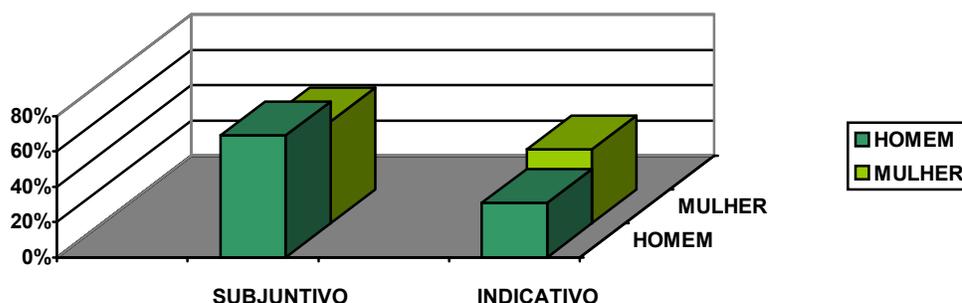
Gráfico da atuação da variável faixa etária



5.2.4 Variável Sexo

Contrariando o preceito de que as mulheres são mais propensas a empregar as formas padrão (ou liderar mudanças que caminham nessa direção), em Helvécia são os homens que estão na liderança do processo de mudança. Os números indicam um percentual maior de uso das formas do subjuntivo da fala dos homens (65% de frequência).

Este fato pode ser explicado pelos papéis que mulheres e homens desempenham na comunidade. Geralmente, os homens têm mais contato com instâncias do espaço público, ou seja, viajam para trabalhar fora, vão à feira-livre comercializar os produtos da lavoura, têm mais interesse para apreciar noticiários de rádio e de televisão, etc. O que lhes possibilita um maior contato com outros padrões lingüísticos que terminam sendo assimilados. Enquanto isso, as mulheres têm menos acesso a esses espaços, ficam mais responsáveis pelas atividades domésticas e trabalho de plantação e cultivo nas lavouras. Essa falta de maior convívio com o mundo exterior faz com que as mulheres mantenham certos traços lingüísticos de uma gramática com características mais crioulezante.

Gráfico da atuação da variável sexo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos têm comprovado que o dialeto de Helvécia, em seus primórdios, foi fortemente afetado pelo processo de transmissão lingüística irregular, oriundo do contato do português com línguas africanas. Essa situação de contato teria provocado profundas alterações na gramática da comunidade de fala, a exemplo da redução da morfologia de flexão verbal.

Os dados apresentados por esta pesquisa, demonstram que houve uma progressiva reincorporação de parte dessa morfologia, que foi perdida inicialmente, como pode ser comprovado pelos números das variáveis lingüísticas que foram selecionadas como mais significativas (tempo verbal e concordância de número e pessoa). Correlacionando essas variáveis com as sociais nível de escolaridade e estada fora da comunidade, podemos observar que o referido dialeto sofreu influências de outros padrões lingüísticos do português brasileiro, constituindo-se em um processo de mudança de *fora para dentro e de cima para baixo*, como postulado por Labov.

No entanto, a flutuação observada entre as três faixas-etárias não nos permite afirmar de maneira mais precisa se a variação observada no uso das formas do subjuntivo, que se verificou nesta comunidade de fala resultará em mudança (com aumento ou perda do modo subjuntivo), sobretudo se considerarmos a realidade do português popular urbano, que parece caminhar em direção da redução do paradigma verbal, com a crescente “invasão” do modo indicativo em contextos típicos do modo subjuntivo. Essa tendência de mudança observada nos centros urbanos pode estar afetando, ou mesmo interrompendo um processo de mudança que estaria em curso na comunidade de Helvécia, no extremo sul do Estado da Bahia.

REFERÊNCIAS

ALMADA, Maria Dulce e Oliveira. **CABO VERDE: Contribuição para o estudo do dialeto falado no seu arquipélago**: Junta de Investigação Ultramar, Lisboa, 1961.

BAXTER, Alan N.; LUCCHESI, Dante. **A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil**. Estudos Lingüísticos e Literários. Salvador. PPGLL.UFBA, n.19. p. 65-84, março, 1997.

- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BEZERRA, Alba Maria Cavalcante. **A forma em – ria na língua culta falada na cidade de São Paulo**. In: Cadernos de Estudos Lingüísticos. UNICAMP. n. 27. jan/jun. Campinas. P.179-330, 1993.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolingüística Variacionista. In: **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. v. 1 MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs.). 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001 .
- COSTA, Iara Bemquerer. O uso do subjuntivo em um dialeto rural do português. In: **Descrição do Português**. NEVES, Maria Helena de Moura. Campus de Araraquara, Unesp. São Paulo, 1990
- CÂMARA JUNIOR, Joaquim Matoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CÂMARA JUNIOR, Joaquim Matos. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.
- DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de lingüística**. Trad.: Izidoro Blikstein *et al.* 15 ed. São Paulo: Cultrix, 1987.
- FERREIRA, Carlota et al. **Diversidade do Português do Brasil: Estudos de dialectologia rural e outros**. 2. ed. Salvador: Centro Educacional e Didático da UFBA, 1994.
- LABOV, William. **Princípios del cambio lingüístico**. Tradução. BUTRAGUEÑO, Pedro Martín. Madrid: GREDOS, 1994/1996.
- LUCCHESI, Dante. **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: Novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil**. 2000. Tese (doutorado). UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.
- MATEUS, Maria Helena M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 1983.
- MONTEIRO, José Lemos. **Para Compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000
- NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Sobre as origens do português popular do Brasil**. Revista D.E.L.T.A. Rio de Janeiro. UFRJ. v.9. n. Especial. p. 437-454, 1993.
- NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. In: Revista D.E.L.T.A. São Paulo. v.9, nº 1. p. 1-14, 1993.
- PIMPÃO, Tatiana S. *et al.* Presente do subjuntivo versus Presente do indicativo. In: VANDRESEN, Paulino (org.). **Variação e Mudança no Português Falado da Região Sul**. Pelotas. RG: EDUCAT, 2002.
- PIMPÃO, Tatiana S. **Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática**. 1999. 123 f. Dissertação (Mestrado). UFSC. Florianópolis, 1999.
- SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa Gramática: teoria e prática**. 18 ed. São Paulo: Atual, 1994.
- SILVA, Giselle Machline de Oliveira; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Padrões Sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolingüística**. São Paulo: Vozes, 1985.